

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Praça da Batalha, 115—PORTO

Lithographia União

T. de Cedofeita, 22—PORTO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Pagamento adiantado

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis

ARTE CHRISTÃ



Santissimo Coração de Jesus

Imagem que se venera na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, no Porto

Esculptura de J. FERNANDES CALDAS

Pintura de ALBINO BARBOSA

Política



Não queremos dar novidade aos nossos leitores dizendo-lhes que chegou a Lisboa o nosso amigo Eduardo VII, rei d'Inglaterra, e que nós, apesar de não costumarmos andar em festanças por causa do maldito reumatismo que se nos collou aos ossos, não quizemos deixar de soltar o nosso—*God save the King!*—apenas Sua Magestade Britânica poz o seu elegante pé em terra portu-gueza.

Foi um delirio,—nosso e d'elle!
O *King* conhece-nos perfeitamente do tempo em que jogavamos o pião, e nós—idem idem na mesma data a elle.

Sorriu-nos, com aquelle sorriso de bondade que sempre lhe baila nos labios, disse-nos adeus com dois dedos, á moda moderna, e, ao passar por nós, em frente do arsenal, pediu licença ao seu regio companheiro, o nosso monarcha D. Carlos,—que o *Seculo* pintou mais alto do que o *King*, o que é uma grande peta —e ciciou-nos ao ouvido:

—Venha vomecê vêr a mim amanhã a palacio antes de mim jantar.

Dissemos-lhe que sim com a cabeça e com o olho esquerdo, que lhe piscamos ceremoniosamente, como é da etiqueta. De boca, nem palavra, devido á grande consternação em que nos encontravamos.

No dia seguinte, entre as dez e as onze, (o *King* levanta-se sempre ao cantar do gallo) escovamos-nos bem escovadinhos, fomos engraxar as botas ao Justino da rua Augusta, chamamos uma tipoiça e—ala que se faz tarde para o palacio!

Chegamos, tiramos o nosso cartão, e apresentamol-o ao porteiro,—um bruto, fóra a alma, muito mal encarado—dizendo-lhe:

—Para o *King*.
D'ahi a minutos o tal bruto, já com cara de bom amigo, mandou-nos subir.

O coração saltava-nos no peito como uma gaita de folles a encher-se.

Era cada—tic-tac—que mais parecia uma bomba de foguete a expludir do que o lat-jar da viscera mais sensível e preciosa com que Deus adornou a nobilissima machina que comboia o homem atravez d'esta vida, cheia d'abro-lhos, d'espinhos, de myrrha, d'incenso, de burros, de maldizentes e de flores.

Ao cimo da escada aguardava-nos o *King*, sorrindo-nos docemente, como que a dizermos:—Ora vamos, não te façás Ignez d'hortal!

A attitude do *King* animou-nos. Elle sorria-nos e nós sorriamos-lhe: eramos dois parvinhos a desfazermo-nos um para o outro.

Chegados ao penultimo degrau da escada (o *King* estava no ultimo), curvamos a espinha dorsal, dobramos o joelho e depuzemos-lhe na nivea mão uma repenicada beijoca, penhor do nosso muito respeito e consideração. O *King* ainda se sorriu mais para nós: até os olhos lhe reluziam como dois carvões incandescentes.

—Não incommodo V. M.? dissemos nós.

—Oh, não, vomecê não incommoda a mim. Mim gostar muita de vomecê e do *Petarda*. *Petardistas* todas bons, não é assim? Mim estimar muita.

—Vamos andando, *King*. A saúde não é em barda; mas, como nós cá costumamos dizer:—quando mal, nunca maleitas. O *Sagittario* queixa-se de mal estar geral, mas aquillo é treta para petardear ás pinguinhas; o *Ego* lá vae arastando a asa como Deus é servido, mas desde que está a ares de campo, ficou como o perdigão que perdeu a penna; o *Thomé Thomaz* deixou de fazer versos aos petardistas para os fazer á lua; o *Gryce* cada vez mais maluco com a ideia fixa de que ha de morrer com um sacco d'areias agarrado á pelle; e o *Zero* lá vae indo, manqueja aqui, levanta acolá, dando ao diabo a ideia que teve de se fazer caricaturista nas horas vagas.

—Pois não abandonar vomecê *Petarda* que fazer rir muito a gente!

—Esteja V. M. descansado: enquanto hou-

ver aquillo com que se compram melões, o *Petardo* ha de viver. Mas, virando de rumo, V. M. gostou das festas?

—Gostar muita! Costa Apita ter bolha para ellas.

—E' um pimpão para isso. E para dar vivas?! Nem V. M. imagina!

—Oh imagina, sim. Mim vêr elle esforçar-se toda a berrar: —*God save our gracious King!* Ser um homem muita festeira.

—E que nos diz V. M. cá da nossa gente? Agrada-lhe?

—Immensa! Ministeria toda ser genta muita fina. Pena ter não conhecer elle hem.

N'este comenos entrava o ministerio para o paço, acompanhado de deputações das duas camaras, de jornalistas, etc.

—Oh com milhentas diabras!—exclama o *King* para nós. Ter mim d'aturar tanta gente! Mas dizer-me vomecê: quem é aquelle que vem á frente de todos?

—E' o Gladstone portuguez, o amigo Hintze, por alcunha o *Casaca de ferro*.

—Casaca de ferro! E porque chamar a elle *Casaca de ferro*?

—Porque nunca abandona aquella vestia e é homem que não ri.

—E aquelle que vem ao lado d'ella, de mochila ás costas?

—Não é mochila, *King*, é marreca. Chama-se o Henrique dos Campos, o *lyrio pendente*.

—Porque chamar a elle *lyrio*?

—Porque desde que a corcova lhe começou a crescer, principiou a pender-lhe a cabeça para os pés.

—E o outro pegada a elle?

—E' o Vens larau, o *clavete*.

—O clarinete?

—Não, *King*, o clarete, porque tem uma pinguinha de *Port wine* com esse nome que merece que V. M. lhe faça tres continencias reaes antes de o beber.

—Oh! grande benemerita! E o outra?

—O outro é o Piment-El Franjo, o *Festas*.

—Então o *Festas* não é o Costa Apita?

—Não, *King*. O Costa é o *Festas* das ruas; este é o *Festas* do exercito.

—E o outra?

—E' o T. Cheira de Sou Sá, o *espirra-canivetes*.

—Porque chamar a elle *espirra*?

—Porque, por dá cá aquella palha, atira co'a albarda ao ar e chama nomes feios á pobre humanidade.

—E o outra?

—E' o Passou Biqueira, o *Pão de Ló de Margaride*.

—Mas pão de ló ser amarello e elle ser branca e russa.

—E' pão de ló figurado. Chama-se-lhe assim por ser um Sant'Antoninho-onde-te-porei, sempre muito penteado, de risca apartada, muito doce de falas e d'uma delicadeza á prova da grosseria do *espirra-canivetes*.

—E o outra?

—E' o Peroir de la Coin, por alcunha o *Dona Anna*.

—Um *Dona Anna* careca e feia como uma bode! Ah! portuguez ter muita mau gosta! E o outro?

—O outro é o Zé Luci-Ano, o *bacoco*.

—Então elle ser maluca?

—Não, senhor; chamam-lhe *bacoco* mas é por graça. Faz muito bonitos discursos e gosta de choiçiros da Anadia.

—E aquelle de nariz granda?

—E' o Chico Beiroa, o *nem lavou nem faço mingua*.

—O Minga?

—Sim, *King*, porque não é d'aquelles que se rala con. as desgraças do mundo.

—Oh! que vêr meus olhas? Quem ser aquelle balão Castanet que alli estar?

—Balão Castanet? Não conheço, *King*.

—Sim, quem ser aquelle gorda que parece uma porca russa d'Alemtejo?

—Ah! Aquelle que tem a configuração d'um bogalho?

—Sim, o bogalha.

—E' o Zé Maria Al-Poim, o que cantou o *God save the King* apenas vos viu.

—Ser par do reina, elle?

—Não, senhor; por enquanto é par do Zé

Luci-Ano. São dois n'uma só carne. E' por isso que elle é tão gordo: traz o Zé na barriga e até se diz que lhe come a cabeça, quando é preciso.

—E quem ser aquell'outro que me está votando o monoculo?

—Ah! esse é o Navarrão, o mais honrado cidadão da nossa terra.

—Ser então bom homem?

—Uma perola, *King*. Para se furtar aos perigos da capital, construiu um cenobio no Luso, e para ter sempre presente na mente as virtudes dos monges, adornou as paredes do seu cenobio com os azulejos d'antigos conventos.

—Ah! ser muito religiosa, elle?

—Muito, *King*, tão religioso que todas as suas aspirações são passar o resto dos seus dias junto do Papa, em permanente extasi.

—E aquelle de cigarro brejeira na boca?

—E' o Mariolão de Chêne, tambem muito estimado entre nós pelas suas virtudes. E' o da outra metade.

—Outra metade? Conta isso!

—A outra metade é uma coisa muito simples, *King*. Por exemplo: V. M. dá-lhe duas peras. Elle come uma e guarda outra para a dar a V. M. na primeira occasião. E' um coração de pomba!

—Bella homem! Portugal ter almas muito privilegiadas!

—E ..

Somos interrompidos pelo conde d'Anosso. Curva-se deante do *King* e diz-lhe:

—O primo de V. M. espera-o para a recepção.

O *King*, voltando-se para nós:

—Amigo, vou-me. Até mais vêr. Dá saudes meus a toda a rapaziada do *Petarda*. Diz a elles que mim gostar de suas larachas. Padre Benevenuta pôde contar com um queija flammenga para o inverno. Adeus!

—Adeus, *King*! Que Deus espalhe sobre a augusta pessoa de V. M. uma abada de benções, para felicidade de vossa familia e de vosso povo!

E, virando costas, viemos cantarolando pela escadaria abaixo, em companhia do *Filho das hervas* e do *Paixão da Maria do Céu*:

God save our gracious King,
Long live our noble King,
God save the King,
Send Kim victorious
Happy and glorious
Long to reign over us
God save the King.

A vida

A vida é uma odysseia
De dôres e soffrimento,
De penas uma cadeia,
Um sacrificio cruento.

Por uma fugaz ventura
Um continuo padecer,
Longas horas de amargura
Por um pequeno prazer.

Muitas as scenas de pranto,
Mui poucas as de alegria,
Por o gozo o quebranto,
Apoz a parte a falsia.

Lodaçal de desenganos
Aberto constantemente,
De mentiras e de enganos
Um immundo continente.

Fundo poço de egoismo,
Nauseabundo e asqueroso;
De falsidade e cynismo
Um abysmo tenebroso.

A vida é isto. Soffrer
Constantemente e penar
Do nascer até morrer,
Ai! chorar, sempre chorar...

Eurico Póveiro.

Converte-te, peccador!

Meu dilecto irmão, nas visceras da mais sincera caridade.

Já vae passado este santo tempo que a nossa Mãe amorosa, a Santa Egrja, divinamente inspirada, consagra á penitencia e á purificação das nossas culpas. E ainda até hoje não consta que vós tenhaes dado preceito á Egreja, fazendo uma demorada e conscienciosa barréla á vossa emporcalhada consciencia, que d'isso deve de estar mui carecida. Eia, pois, irmão dilectissimo: *hora est jam de somno surgere*; é tempo de surgir d'esse profundo somno, d'esse fatal entorpecimento para o bem, d'essa inveterada lethargia moral, que vos tem sepultado no horrendo tremedal da culpa, e vos tem pedado a energia da vontade, para que não ponhaes mãos á obra urgente de uma conversão sincera.

A' obra, pois, irmão: *catholico pelo cerebro e pelo coração*, como certamente vos presaes de ser, vós sem duvida anciaes por expulsar cá para fóra essa nojenta bagagem do peccado que vos peja a consciencia. Tarefa espinhosa, irmão; porque a vossa vida não tem sido mais que uma longa cadeia de iniquidades e prevaricações, que ameaça dar em pantanas com a vossa alma desgraçada.

Mas não desanimeis, irmão. Aqui estou eu que muito folgarei de vos auxiliar n'este importantissimo trabalho do lavacro regenerador, quero dizer, purificador.

Ora vinde commigo, irmão; demos um ligeiro balanço á vossa vida; esquadrinhemos por um momento os meandros e os recessos absconditos da vossa consciencia, á face do divino codigo pelo qual um dia haveis de ser julgado. Começamos:

1.º *Amar a Deus sobre todas as coisas.* Vós, irmão meu, o que amaes sobre tudo é o pennacho de chefe das milicias regeneradoras, e é a cadeira curul de presidente de ministros. E depois d'isso amaes apenas como a vós mesmos o compadre Zé da Anadia, que é o unico mortal a quem concedeis a honra de ser vosso proximo. Confessae-vos, arrependei-vos, emendai-vos.

2.º *Não jurar.*...—Ai, irmão da minha alma, quantas e quão graves transgressões contra este capitalissimo preceito, em que Deus nos prohibe a mentiral! Contae, irmão, contae, se podeis, as estrellas do céo; addicione a esse numero o numero sem numero das areias das praias e dos desertos adustos da Lybia ardente; pois tende por certo que essa espantosa somma, capaz de pôr em atralpações o talento de um Cabreira, não igualaria ainda o numero das vossas mentiras! E então, a desfaçatez, o impudor, a sem-vergonha nunca vista com que vós mentis a todos, sem côrar, muito solememente, em publico, a sério!... Se por cada mentira vos tivesse caído da boca um dente, já agora terieis menos dentes na boca do que o vosso afilhado Pereira Cunha tem de cabelos na cabeça!

3.º *Guardar domingos e festas.*—Muito haveria a dizer aqui; mas não digo nada... Adiante com o carro.

4.º *Honrar o pae e a mãe.*—Vêde, irmão prevaricador, se é honrar vosso Pae o obrigar-o a carregar com as responsabilidades e o odio das vossas desordens, dos vossos desmandos, das vossas diabruras, e fazer recair sobre elle grande parte das maldições tremendas, provocadas pelas prepotencias com que tyrannisaes e vexaes os pobres e os pequeninos.

5.º *Não matar.*—Mesmo sem falar n'aquelle infeliz do Alcaide, coitadinho, e sem falar tambem nos outros infelizes, a quem, funerea Parca abominanda, tendes cortado o fio da amargurada vida, quem poderá contar os assassinos cobardes com que tendes manchado de puro sangue innocente as vossas mãos? Quantas vezes tendes attentado contra prestimosas existencias? Quantas vezes tendes sobejamente demonstrado que no hypocondrio direito tendes apenas uns authenticissimos figados de tigre?! Quantas vezes não tendes immolado aos vossos instintos sanguinarios as mais queridas liberdades dos nossos corações portuguezes?!... A liberdade de associação (lem-

brai-vos do decreto de 18 de abril...) a liberdade de imprensa (recordai-vos do *Imparcial* e do *Mundo*...) a liberdade de reunião (quantas vezes não impedistes os livres cidadãos lusos de se reunirem pacificamente n'um inoffensivo comicio, só porque sonhastes que elles iam dizer-vos muito cortez e respeitosa-mente: «Para traz, senhor?...») liberdade de pensamento, liberdade de voto, liberdade religiosa... Ah!... quantos liberticidios, irmão!

6.º *Guardar castidade.*—A vossa vida tem sido a abominação das abominações. Em Gaya e na Madeira requestaes as meninas bonitas do barreto phrygio; em Braga fazeis a côrte ás beatinhas devotas que D. Thomaz conduz pelo caminho espirital da vossa lei; em Setubal andaes de braço dado com a Marianna Cyrilla, uma encarquilhada velha, pelada e desdentada, que mette medo a sete cães. Tudo vos serve: tanto monta que seja uma beldade, como uma nojenta marafona; tanto monta que seja o Jayme Arthur como o Santos Matoso, o Quirino Avelino como o José Luciano! E' vergonhoso, irmão! Tudo são feissimos peccados contra a natureza... das coisas.

7.º *Não furtar.*—N'este importante capitulo dou a palavra ás tricanas de Coimbra. Mas não é preciso ir tão longe: dai-vos uma tarde ao incommodo de passear a pé (ha quanto tempo isso lá vai já!) por uma das mais concorridas ruas de Lisboa; apalpaes os contribuintes que encontrardes (nem é difficil reconhecê-los: são todos os que não fôrem commissarios, nem inspectores, nem provadores, nem fiscaes, nem deputados, nem ministros.) Apalpaes-os, pois: se encontrardes um só que ainda tenha camisa e que ainda use pelle, eu convengo, irmão, em que não sois, quero dizer que não tendes no vosso activo transgressões contra este santissimo preceito da lei divina.

8.º *Não levantar testemunhos falsos;* 9.º *Não desejar a mulher de outrem;* 10.º *Não cubiçar.*...—Emfim, irmão muito amado nas profundas entranhas da caridade. Falsos testemunhos: isso aos milheiros! Inclusive chagastes a aventar que o paiz se lambia todo, revendo-se na bella obra da vossa administração perdularia! Cubiçar:—até cubiçaes do compadre Zé a gloriola ephemera do seu quarto de hora, que vos quita a vós o estar sempre de poleiro! Até cubiçaes ao Navarro a primazia de ser tão sincero como Tufufo, e ao Alpoim a honra de ser o *Sacerdos Magnus* da egrjinha dos *de cerebro e coração!* Até cubiçaes ao rei Eduardo o titulo de *Graciosa Magestade*, que quereis para ajuntar aos vossos! Até cubiçaes ao Czar da Russia o poder que tem de mandar para a Siberia—que é como quem diz para as Pedras Negras—a centenaes de leguas da sua vista, os desgraçados que não pensam como elle!...

Por este simples retalhinho de amostra do panno, já podeis ajuizar, irmão peccador, da grande, da absoluta, da impreterivel necessidade que tendes da tal dita, conscienciosa e demorada barréla, para purificar-vos das muitas e grandes espurcias que vos maculam a emporcalhada consciencia.

Ai, irmão, aproveitai-vos enquanto é tempo. Senão... a hora da justiça ha-de ser ter-rivel!...

Converte-te, peccador!

Argus.

Na nossa India

Em camisa de onze varas
Um gentio ouvin falar,
—Oh!—exclamou—muito caras
Essas taes hão-de ficar!
—Eu uma te darei dada,
Se d'ella puder sahir—
Disse o christão. E'elle:—Nada;
Que não sei como a vestir.

Nova Goa.

Pákló

—Porque são frequentes no Porto os nevooiros?
—Porque nesta cidade ha muitos inglezes.

Petardismo na imprensa sisuda

Está claro, como breu, que o petardismo ha-de matar a seriedade pharisaica d'uns jornalões que nós sabemos. Alguns collegas, muito avessos ao nosso espirito de risota innocente, já vão, de bom ou mau grado, cedendo ao sadio influxo da popularidade que o modesto *Petardo* (sem nos querermos gabar) em tão poucos mezes tem adquirido desde Bemfica até Malpica, nas serras e nos valles, nas cabanas e nos palacios, ao longo e ao largo nas oito provincias do continente, em todas as nossas ilhas e provincias ultramarinas, e nas sete partidas do mundo velho.

Debaixo d'esta influencia petardista, o respeitavel *Diario de Noticias*, que é no jornalismo da capital um rei da madrez, disse por exemplo, dando noticia d'um noivado: «A' cauda da noiva pegavam quatro galantes meninas.»

O que nós não sabemos é como o informador do *D. de Noticias* pôde observar que as galantes meninas sofraldavam a saia rogagante da noiva e lhe afagavam a cauda, que não havia de ser curtinha como a das judias, mas comprida como de gata e por ventura felpuda como de raposa.

No mesmo circumspecto *Diario* o seu circumspecto correspondente de Almada começou a advogar a causa dos jumentos da Outra Banda e concluiu a peroração do primeiro *plaidoyer* com estas aureas palavrinhas: «Ah! que se os burros fossem eleitores, outro gallo lhes cantaria!»

Bravo! illustre petardista. Vá cantando assim, enquanto os burros não reclamam os seus direitos de eleitores; o que não quer dizer que não sejam elegiveis. Mas no concelho de Almada, se os burros não são eleitores, o concelhado correspondente com os seus 69 annos d'idade e d'experiencia (temos a honra de o conhecer) não negará que abundam os eleitores burros.

Parece nos que não damos nenhuma novidade ao publico, dizendo que *O Popular* é um petardista de primeira força. Ainda n'outro dia se sahio com esta:

«Dizem varios jornaes que se trata agora de arranjar uma lingua internacional para as communicações scientificas. Salvo o devido respeito, a lingua de vacca parece-nos a preferivel.»

Nós teriamos dicto, se a petardice fosse nossa, «lingua de vacca hespanhola, salvo o respeito devido ás vacceas francezas.» A vacca hespanhola é reputadissima entre os philologos e linguistas como polyglotta, e o sr. Consiglieri Pedroso não dirá o contrario.

Um critico da capital, a quem pertence o *riso amargo* em monopolio, chorando amargamente as «tristezas d'um paiz alegre» escreveu isto:

«As sessões das nossas camaras (baixa e alta) são uma pagodeira egrigia: lê-se, escreve-se ao namoro, ou namora-se para a galeria, cavaqueia-se, faz-se espirito, desfazem-se reputações, olha-se com desprezo olympico para tudo e para todos, ostentam-se ares de desdenhosa «branceria... uma só coisa se esquece quasi em absoluto—o bem publico.»

Apre com elle! O nosso correspondente de Lisboa não tem *petardetes* d'esta força. Petardões assim arrasam um parlamento inteiro.

Vamos cá petardeando modestamente, sem tanta dynamite.

Mas, como diziamos, o petardismo impõe-se. E os verdadeiros petardistas, se não se deixarem falsificar como os generos alimenticios, hão-de vencer. São os jornalistas do futuro.

—Em que se parece a D. Mafalda com uma arara e com uma cabaça?

—Em ter um nome de tres syllabas com um a em cada uma.

—Em que se parece uma navalha partida com um theatro sem musica?

—Em não ter concerto.

AS AMENDOAS



Recebe-as o sr. Abbade quando vae a casa dos freguezes anunciar a Alleluia.



Apanha-as o palerma que nos escanhôa e fere os tympanos com musica de caixa.



Abicha-as o carteiro, que é sempre amavel e diligente... na Paschoa e Natal.



Abotoa-se com ellas o zelador que faz observar rigorosamente as im-posturas municipaes... se tem um terço da multa.



Sempre encontra traças de as apanhar o cocheiro que deixa adormecer as piléas... n'uma corrida vertiginosa.



Consola-se com ellas o engraxador que nos besunta as botas... por um pataco.



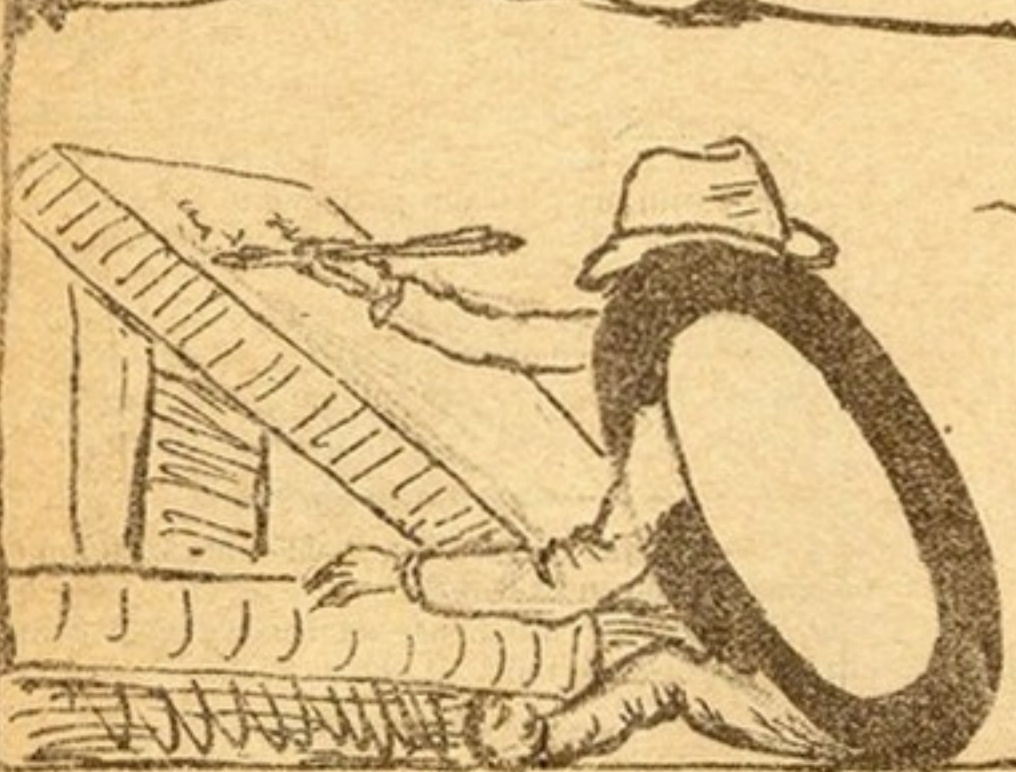
Não as perdoa o entregador do jornal que nos vem despertar ás 5 horas da manhã.



E com um descaramento unico até os pe- li ntrôes do fisco as apanham.



Por fim, a snr.ª D. Divida de Portugal, gorda como uma cuba, incommodada com os festejos, vae com o K Riho até a extranja comer as amendoas com a judengada.



Mãeiras ou mães pequenas,
muitas ou poucas todos as
comem e bem doces; só o
bre zero, quando debucado
na pedra, esperava pelas a-
mendoadas que lhe adocassem
o estro, recebo uma sem
amarga que offerece aos lá-
bitos.

Meu casamento zero
Sabera' que estas pessoas
do mal, que a mãe
vha soude actualmente
deira muito a deseguar
Don
T. M. M. M. M.

Petardetes de Lisboa

Nas conferencias religiosas que houve nos Martyres só para cavalheiros, viu-se sempre um numero de dignos pares do reino e senhores deputados mais que bastante para haver sessão em ambas as camaras. Em consequencia quer o governo estatuir que, em havendo falta de numero em uma ou em outra casa do parlamento, se mande logo a Campolide chamar um prégador.

—Tivemos o subido prazer de nos vermos aqui com dois illustres caricaturistas inglezes que trabalham no famoso *Punch*, principe dos periodicos petardistas dos dois hemisferios: e como lhes mostrassemos alguns numeros d'esta modesta publicação, não só nos deram muitos parabens (*many, many congratulations*) e louvores transmissiveis ao valioso Zero, mas tambem nos pediram a colleção completa do *Petardo* por qualquer preço. Lá se foi a nossa colleção particular, que lhes demos *gratis* (mau foi isso) para não parecermos forreitas e mesquinhos deante da cortezia britannica. Quem quer lustre, que lhe custe.

—Nos festejos em honra de Eduardo VII não deixaram certos alfaias do Turf Club de notar, com uma pontinha de zanga ou inveja, o bem que armaram em inglezes de dois costados uns tripeirinhos dos quatro dietos. Bravo!

—O grande maestro Arre Oyo ainda não conseguiu n'estes dias caracterizar-se com cara de páscoas. Hontem á noite, n'uma reunião pouco intima, o vimos tocar cavaquinho e cantar assim, melancolicamente:

Eu sou Malhão,
Triste Malhão,
E eu sou do Porto natural.
Triste Malhão,
Sou trapalhão,
Um trapalhão sem ter rival.
Triste Malhão!
E eu dei no chão
Um batecú fundamental.
E que dirão
D'este Malhão
No Vaticano e Quirinal?
Que dei no chão
Um trombolhão
E um batecú fundamental.

—Continua-se a chocalhar e badalar que um trunfo monarchico passa para o campo republicano com armas e bagagens. Mas sobre a identidade da passante personagem divergem ainda as opiniões. Que não é o triste Malhão, podemos nós abonar. O socialista Fuschini fuscamente é apontado, pois claramente é tão vermelho como era o fallecido Elvino de Brito. Os outros indigitados ou denunciados servem tanto para dirigir a republica indigena, como o Dom Alberto da *Tarde* ou o Pires do *Tempo*. O general Barba-Racho teria mais probabilidades pela virtude illibada e virginal do seu alfange; mas a lingua, que é a sua melhor espada, mata-o, porque morre por falar. Os charadistas do *Petardo* que decifrem esta adivinha: «Qual é a coisa qual é ella, que azul e branca era, mas passa agora a vermelha, para ficar amarella?»

—O honradissimo e respeitabilissimo conselheiro Navarreo quer pentear-se mais outra vez para embaixador. Mas, coitado! faltam-lhe os cabellos. Se tel-os, e bastos, no coração, bastasse...

—O relógio do arco da rua Augusta já não dá badaladas: e por isso é que os ministros quando estão lá perto, nos gabinetes, não sabem quantas andam.

Pergunta d'um assignante, de fora do Porto:

«Porque ainda neste anno se não fez no Porto a procissão dos Passos de N. Senhor?»

Tera sido por falta d'irmãos, ou por falta d'anjos?»

Resposta d'um irmão da irmandade dos Passos de N. Senhor:

«Não foi por isso, pois não faltam irmãos nem anjos no Porto; foi só por falta de judeus, que estão todos ao serviço do Estado.

Segredo

N'essa havida contradaça
(Uns p'ra cima, outros p'ra baixo)
No theatro da governança,
Um segredo ha que me cansa...
Penso, matulo... E não acho.

Esse profundo mysterio,
Que me traz louca a razão,
E' o motivo porque, a serio,
A' dança do ministerio
Chamam recomposição.

Dirão ser porque essa gente
Se encontrava descomposta;
Porém quem tal diga mente,
Pois mui feliz e contente
Toda ella estava *com-posta*.

E até considero e acho
Que essa gente, em tal manobra,
Lá por artes do diacho,
Tanto em cima como em baixo,
Ficou *com-posta* de sobra.

Dirão .. quanto queiram! Não
Conseguem com isso tudo
Dizer-me por que razão
Chamam recomposição
A' tal comedia de entrudo.

No meu sentir, afinal,
Quem diz que foi *recomposto*
O ministerio anda mal,
Pois a verdade é que tal,
Ha muito está *decomposto*.

Joel Barsaba.

Novidades petardeiras

Vão ser intimadas as sardinhas d'Espinho para trazerem um sello no rabo, se quizerem ser vendidas no Porto.

—Em Coimbra, já depois dos famosos motins, um cavallo mal sellado levou um coice d'um fiscal do sello. Não foi autoado.

—Dizem de Braga que o nobre senhor de Pancas mandou offerecer a Sam Longuinhos uns bellos estribos historicos. Ora é de saber que Longuinhos ou Longino, soldado da coorte *ferrata* e pretoriano de Poncio Pilatos em Jerusalem, foi «bracaraugustano» de nascimento ou pelo menos de origem, ainda que alguns escriptores o fazem calense ou maiato, querendo uns que nascesse na foz do Leça, outros em Miragaia (*Cale*) e outros *Ad Custodias* (hoje Custodias da Maia); mas o mais certo é que foi braguez dos quatro costados (Cf. o *Pseudochronicon* de Flavio Dextro e o *Chronicon mendax* de Laymundo). A prova está em que, acompanhando á nossa peninsula o apostolo Santiago, conseguiu que elle só em Braga prégasse publicamente no sitio chamado por excellencia *Civitas* e ainda hoje *Cividade*. Voltando ao Oriente com o mesmo apostolo, veio a ser martyr em Cesarea de Cappadocia, donde algumas reliquias suas foram trazidas a Braga por um cavalleiro do Templo. Os bracaraenses, andando o tempo, se lembraram d'esta gloria que tinham deixado esquecer, como tantas outras, levantaram em honra de Sam Longuinhos uma estatua equestre que ainda se vê, com mais curiosidade do que veneração, muito perto do sanctuario do Bom Jesus. Está o glorioso cavalleiro de granito montado sem estribos, porque nunca usou tal empecilho como certificam os archeologos, *nemine discrepante*, desde Baronio até Possidonio e desde Panvino até Bellino. Lembrou-se agora (que lembrança luminosa!) o senhor de Pancas de ornar o cavallo de Sam Longuinhos com os estribos d'um seu antepassado. A resposta, segundo nos consta, foi dada formalmente nos seguintes termos, inteiramente proprios d'um soldado romano:

«O' clarissimo e fortissimo proconsul, eu não preciso para nada dos teus estribos, nem os supportaria este bom cavallo, que não é nenhum hintzaeco. Tu e os teus consules perdestes já as estribadeiras e não tardareis a ser apeados. *Caveant consules*. Tenho dito, e vae-

te bugiar em Pancas, ou lá na terra do teu amigo Poncio Pilatos.»

—O illustre e sabio vereador d'este municipio, sr. Sou-um-gaio, por cujas mãos passa a limpeza da cidade, está resolvido a dar cabo de toda a porcaria, quer dizer (com sua licença) do gado suino. Parece que não escapam nem as porcas dos sinos de Cedofeita.

—Alguns profanos abelhudos que mettem o nariz na maçonaria da rua do Laranjal, pretendem ter descoberto grandes zaragatas entre os irmãosinhos. Ao que transpira e se rosna, já penetrou n'aquella chafarica radicalmente democratica o espirito oligarchico da Resp. L. . . União, que é o mesmo espirito que preside a certas veneraveis Irmandades e Ordens terceiras ou quartas. Em nenhuma terra de Portugal se vêem semelhantes instituições, quer tenham avental, quer habito ou opa, reduzidas á exploração d'umas certas oligarchias, que nunca reúnem junta grande ou assembleia geral, nem definitorio, capitulo ou coisa que o valha. E' que não ha terra mais democratica do que o Porto! Bem lhes prega o Rufino; mas prega no deserto. Anda, Rufino, puxa-lhes pelo espirito liberal.

—Ha três dias que nos deixou a sr.ª Quarresa, anciã digni-sima e veneranda, que tambem honrou a nossa casa com a sua visita pessoal e que não nos pareceu tão magra, como se dizia. Acabada, sim: a pobre senhora está realmente acabada.

Só para mulheres

Cá estou, minhas senhoras, a cumprir o prometido.

Nem eu cuidava que n'esta redacção choveriam tantos pedidos de se continuar a lista de nomes, que comecei a publicar, com as qualidades moraes que o tal sabio allemão ou escandinavo ou eslavo, verdadeiro sabio da Grecia, apurou andarem associados aos nomes das mulheres brasileiras e portuguezas.

Continuaremos portanto, e sem mais preambulos; que o espaço é pouco e vossas excellencias estão sófregas com mais curiosidade do que se fossem homens.

Angelas, Angelicas, Angelinas, Archangelas, Custodias e Marias dos Anjos são meigas ou desabridas e rabugentas.

Alziras e Elviras, parvas ou espertalhonas. Bernardas, Bernardinas e Berthas, folgazas ou taciturnas.

Camillas, habilidosas ou desageitadas.

Carlotas, Carolinas e Linas, soffridas ou ciumentas.

Casimiras e Cassianas, modestas ou presumidas.

Catharinas, compassivas ou insensíveis. Christetas, Christianas e Christinas, discretas ou exquisitas.

Damasias e Damianas, catitas ou trapalhonas. Deolindas, Diodoras, Dorotheas, Theodoras e Theotonias, recolhidas ou andejas.

Demicilias e Domitillas, espirituosas ou sensaboronas.

Edithas e Judiths, mansas ou bravas.

Elisas, Elisabeths, Isabellas e Isabeis, muito devotas ou muito faltas de religião.

Fabias, Fabiolas, Fabianas e Sebastianas, sobrias e mortificadas ou gulosas.

E quando houver mais espaço, irmão mais. As senhoras que não acham aqui os nomes que já perguntaram, tenham paciencia; que todos apparecerão, querendo Deus. O tal sabichão no seu grande livro registou todos os nomes de mulheres que encontrou usados no Brazil e em Portugal, podem erer. Eu irei extrahindo só os que são pedidos.

Já se sabe, vossas excellencias crêem tanto, como eu, na ligação de taes qualidades com os nomes de baptismo. Mas somos mulheres e não nos desagrada saber o que os homens tolos com fumaças de sabios escrevem a nosso respeito.

Lá virá tempo em que tiraremos a desforra. O feminismo avança: o virilismo já deu o que podia dar; os homens a governar o mundo ha tantos seculos, e o mundo cada vez mais torto.

Quem o endireitará, se não formos nós?—

quero dizer, se não forem vossas excellencias? E ainda não pensaram nisso? *Lina Fina*.

Sciencia precoce

Um dia, foi ha muito, o Hintze era menino, Rosado, bontinho, gentil, pequenino, Que era mesmo um regalo! Ninguém diria ao velo que inda o governo Chegaria mais tarde a presidente eterno E a ser triumpho de estalo...

E era meigo, o Ernestinho, e sabio, a ler por cima Na escola, a gorgear, qual ave que se amima Em gaiola doirada... E em calculo, isso então... era uma maravilha Um perfeito algebrista... A sciencia da Cartilha Para elle era nada!...

Uma vez porta a dentro entrou um gordalhuço. Chapeu alto, casaca e a torcer o buço, Raveado de cãs... Politico de marca... a escola a visitar E os jovens cidadãos attentos a estudar, Co'as carlinhas louças...

E depois disse ao mestre: os olhos espraiaudo Na area onde as creanças se viam estudando: —Qual d'estes o melhor?... Mais attento, mais sabio, qual o mais applicado? Eu quero conhecel-o e ouvil-o um bocedo. Chame-o, faça favor...

—Ernesto...—disse o mestre com voz aflautada Ao Hintze, que mostrava a carita córada Pelos hombros dos mais... Este senhor deseja escutar-lhe as lições... E p'ró sujeito... —fale-lhe de operações... Dos calculos mentaes...

—Diga-me, meu menino—rouquejou e apoz: —Se n'uma eleição—e accentuou a voz— Só de dois candidatos... Se um tivesse mil votos, e o outro apenas tres, E se ess'outro quizesse ganhar-a por dez... Repare bem nos factos...

Que operação faria? A quantos votos monta Esse seu resultado p'ra chegar á conta? Diga... não custa nada... —Oh! decerto que não!... mas p'ro outro vencer Uma só operação é preciso fazer... Faz-se uma chapellada...

Correio de casa

Burrié.—Ah seu maroto, você tem o atrevimento de dizer que—tric-trac, tractic!—o queria vêr a espernear no ar, no sabado d'Alleuia? Que mal lhe fez elle para lhe desejar tão mofina morte? Pois elle vem lá de nevoeirantas paragens para nos mostrar a sua affeição, atura quantas boracheiras lhe quizeram pregar sem dizer chus nem bus, obriga as manas Perliquitetas a lavar a cara e todos os grandes medalhões a darem que fazer ao sapaiteiro e ao alfaiate, e você inda por cima lhe faz figas, como se elle fóra o mafarrico do inferno? Mafarrico é você, que, á sombra da sua laracha pouco engraçada, queria pregar-nos com os ossos na cadeia. Que tal está o *Burrié*, que até—e rima, olé!—para não soffrer as consequências da sua toleima, nos não diz quem é.

Meia volta á direita, ordinario, marche... para o cesto do lixo.

Demos no vinte, *Burrié*?

Careca.—O *Careca* pede-nos que perguntemos ao Zero dos bonecos se aquelles papelinhos quadrados, que elle poz na figura do *Zé-povinho* da 1.ª pagina do ultimo numero, são *escriptos* para alugar a casa ou dados para jogar a *bisca* com o bretão. Você, *Careca*, é burro. Aquillo são sinapismos de Rigollot para lhe puxar os humores ao peito. Se você não pesca iota de medicina, aprenda, que nós temos mais que fazer do que estar a ensinar-lhe o *a b c* da sciencia que immortalizou o Galeno. Você conheceu este cavalheiro?

Carne assada.—Serás, não desfazemos na tua palavra, mas és carne assada já com bolor e microbios, a avaliar pelo mau cheiro que exhalas. Tem paciencia: vaes ser enterrada no quintal d'*O Petardo*, tres metros abaixo da superficie da terra, para não pestiferares os broeiros da Invicta.

Chica.—Pobre *China*, que não é *China* femea, mas *Chica* macho... se a sua versalhada não engana! O *Chica* traz dentro do peito qualquer coisa que lhe rouba o somno: é, diz elle, a imagem viva da primeira mulher que o captivou e que era um anjo de bondade e pie-

dade. E' feliz o *Chica*. Outros ha que, no sitio em que elle tem a paixoneta, quando rebuscam só encontram lombrigas e bacillo de Koch.

E vae o *Chica*, logo que descobriu lá dentro a tal imagem, começou a cantar como os burros do Galliza em maio e a desentranhar-se em lagrimas capaz d'abalar o coração mais empedernido. Por exemplo, este:

Ah! se eu tivesse milhões, Tu, que o meu coração vês, Todos elles, bem o sabes, Os deporia a teus pés.

Bacoco! Para que queria ella os teus milhões... se apenas tens desejos de os possuir? Arranja-os primeiro e depois fala e verás como ella te dá um ar da sua graça. Sem elles, oh *Chica*, não vás ver a tua *imagem*, porque é... de gesso.

Quanto a ella ver-te o coração, isso são basofias que te ficam mal. O que ella viu foi essa cara de lorpa com que a Providencia te agraciou—e mandou-te logo cavar... milhões para a California.

Sardinha.—Oh tu que pertences á honrada e velha estirpe dos clupees, com a mão na consciencia te dizemos que gostamos muito mais de ti do que da *Carne assada* e d'outros que taes piteus, que nos foram postos sobre a mesa para o lanche d'esta quinzena; mas, *Sardinha* amiga, comquanto tu sejas mui saborosa, —tão saborosa que, quando o chorado rei D. Pedro V comeu de caldeirada tua avó, disse que a apreciava mais do que o melhor faisão—fugimos de ti como o diabo da cruz, porque costumamos andar-nos a fazer bichinha gata no estomago um dia inteiro, e, ás vezes, ainda no immediato dás signal das tuas amabilidades. O assumpto que escolheste, *Sardinha* amada, é de se lhe fazer tres cortezias antes de o abordar; mas tu saturastel-o de rheuma e estragastel-o. Se dás licença e não tomas isso a mal, vamos pôr-te d'escabeche, a ver se largas os humores crassos e... as escamas. Se o vinagre realisar o milagre, para a quinzena que vem serás servido como aperitivo aos leitores petardistas. Mas duvido que fiques comivel, porque estás excessivamente rheumosa.

Morcego.—A sua charada está boa para ir fazer companhia á prosa do *Carne assada*. E para lá vae, sem epitaphio que a recorde aos posterios. Se o apanhassemos aqui á mão de semear, encafuavamos-lhe o conceito da charada pela cabeça abaixo, á laia de capacete, e veriamos como você ficava um figurão. Assim não nos torne a bater á porta, se não quer que lhe puxemos as orelhas com a valentia que merece. Ora o tarreco do *Morcego* a querer fazer-se gente!...

Enygma

(A' Lina Fina)

Composto de sete letras, Só tres syllabas terá. Começa e finda por s Com accento tonico no a.

A's direitas e as avessas Sempre o mesmo se hade ler, —Melhor é tel-os que sentil-os, Que talvez façam doer.—

E. Poveiro.

Charada

..... substantivo
..... »
..... »
..... »
..... »
..... syllaba

Não emprega pós d'arroz Para a sua toilette, Até mesmo no corpete.

Sucio.

Charadas furadas

Ao E. Poveiro

(em agradecimento)

3—Um cofre vi em Florença.—2
4—Com alta missão eu ligo.—4

Charada derrabada

Ao sobredito rapaz

Raiz na terra tem—1, 2, 3, 4, 5.
Pode chamar-se planta—1, 2, 3, 4.
No espaço se levanta—1, 2, 3.
E já não vê ninguém—1, 2.

A velha Lina Fina.

Charada em triangulo

- 1.ª—Ha uma em Portugal
- 2.ª—Quasi todos se queixam de ti
- 3.ª—E' uma coisa que os maus usam
- 4.ª—Só Deus e as coisas santas tem
- 5.ª—Os filhos e todos os homens devem ter
- 6.ª—Tem havido algumas em Portugal
- 7.ª—São montes muito altos e frios
- 8.ª—E's homem sem religião
- 9.ª—Serves para marcar as celebres epocas
- 10.ª—E's fileira d'exercito no combate
- 11.ª—Na musica lá te encontramos
- 12.ª—Tu conjunção portugueza

Macarronio.

2.ª Charada

- 1.ª—Tu provincia da Europa
- 2.ª—Tu cidade da Polonia
- 3.ª—Tu poema de Virgilio
- 4.ª—Tu provincia da França
- 5.ª—Tu o maior rio de Portugal
- 6.ª—Tu interjeição d'animo
- 7.ª—Tu adverbio de tempo
- 8.ª—Tu pronome e artigo portuguez

Macarronio.

Charadas combinadas por syllabas

(Do numero anterior)

Decifração:—1.ª, Batota; 2.ª, Caridade; 3.ª, Sepultura.

Adagio a adivinhar

(Do numero anterior)

Decifração:—1.ª, um; 2.ª, aba.

Charadas novissimas

(Do numero anterior)

Decifração:—I, Solar; II, Apostolo; III, arcano.

Decifração:—1.ª, maçador; 2.ª, poema.

Logogripho

(De Joel Barsaba)

Decifração:—Zoroastro.

Logogripho

(De A. H. Bapta)

Decifração:—Do 1.º—Conego Damasceno. Do 2.º, Sardinha.

TOUROS

HONTEM



Outr'ora, os habitos simples dos operarios, tornava-o felizes. A modestia, frugalidade e recolhimento grangeavam-lhe o peculio.



Hoje, os divertimentos que bestialisam, a vontade de se confundirem com os burguezes e os vicios torpes, acarretam-lhe a desgraça.



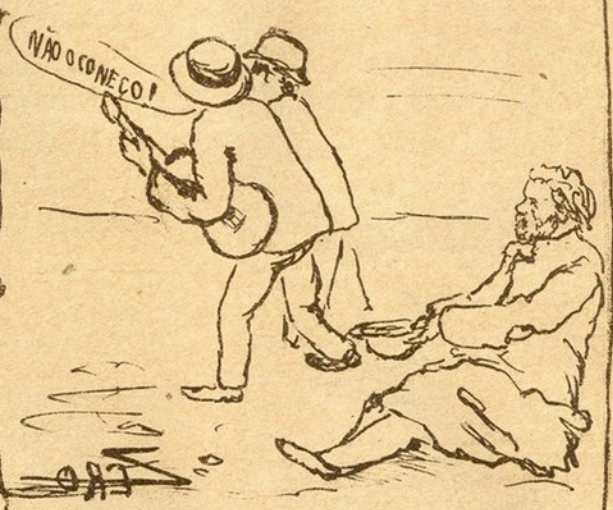
Outr'ora, a mocidade tinha tal veneração pelos velhos, que a qualquer decrepito respeitavam como ao proprio pae



Hoje, principiam desde a infancia a troçar a velhice e quem as cans são o stigma do bobo.



Outr'ora, o pae era objecto de todas as attenções e cuidados de seus filhos.



Hoje, quando invalidos abandonam-os a mendicância, fingindo não os conhecer quando passam por elles.